ICCA
INSTITUTO CULTURAL E
CIENTÍFICO DO ARQUIPÉLAGO DE
FERNANDO DE NORONHA

INFORME Nº 002 27 de janeiro de 1988

OCORRÊNCIA DE MANGUE NO TERRITÓRIO FEDERAL DE FERNANDO DE NORONHA

Evaristo Eduardo de Miranda *
José Roberto Miranda **

Existe na ilha principal de Fernando de Noronha uma rara e única ocorrência de mangue. Situado em pleno oceano Atlântico, apesar de não exceder uma área de aproximadamente 2.500 m², esse pequeno mangue ocupa uma relevante posição geográfica. Talvez possa contribuir na compreensão da dispersão geográfica das espécies características dos manguezais. Na hipótese de um centro de dispersão originário no oceano Índico, via Corrente de Benguela e Equatorial, o de Fernando de Noronha pode ter servido de ponte na migração dessas espécies para o Continente Americano. Durante o Holoceno, as formações de mangue podem ter ocupado superfícies bem mais significativas no arquipélago. A pequena área que hoje subsiste deve ser tratada como uma relíquia de importante relevância científica.

Situado em posição ímpar, longitude 32 graus 24' W e latitude 3 graus 50' S, esse mangue recebe a montante as águas da maior bacia de captação da ilha - a do Rio Maceió. Nela situa-se o principal açude do Território para o abastecimento da população em água potável. Ao longo da linha de drenagem do Rio Maceió ocorre um adensamento progressivo da vegetação natural e cultivada, com espécies como Erytrina velutina, Ficus catapaefolia, Tamarindus indica, Leucena leucocephala, Cocus nucifera, Citrus sp... Ao atingir a baía do Sudeste o rio percorre áreas de dunas semi-fixas e o pequeno desnível com relação ao mar dá origem ao manguezal constituído unicamente por Laguncularia racemosa, conhecida como mangue branco. A fauna selvagem estabelece com essa pequena formação vegetal relações privilegiadas.

---

* Doutor em Ecologia, Presidente do ICCA
** Doutor em Ecologia, Prof. da Universidade de S. Paulo

É um biótopo com composição faunística parcialmente variável, pois é frequentado por várias aves migratórias (Scolopacidae) oriundas do Hemisfério Norte, como o maçarico de pernas amarelas (Tringa flavipes), o maçariquinho (Calidris minutilla), o maçarico branco (Calidris alba), etc. O mangue é visitado igualmente por aves litorâneas residentes no arquipélago, como atobás de pés vermelhos (Sula sula), fregatas (Fregata magnificens), viuvinhas pretas (Anous minutus e A. stolidus) e trinta réis (Sterna fuscata). Os recursos naturais oferecidos à avifauna suprem um certo aporte alimentar, hídrico e de abrigo. Esse pequeno mangue é explorado igualmente pela arribaçã endêmica (Zenaida auriculata noronha) e o sebito (Vireo gracilirostris).

Além da avifauna existem outros vertebrados residentes no mangue como o lagarto endêmico (Mabuya maculata) e o sapo cururu (Bufo paracnemis), que encontra ali um biótopo de reprodução e para o desenvolvimento dos girinos. Há também o caranguejo aratu (Plagusia depressa), que sobe nas formações de Laguncularia. Esta em determinados locais atinge quase 10 metros de altura. Também nas águas do mangue ocorre um pequeno peixe (Gobiosoma sp.), que é predado por uma série de aves e crustáceos.

A jusante do mangue encontra-se a baía do Sueste. Trata-se da única baía fechada do arquipélago, local de abrigo para os barcos na estação chuvosa e intensamente explorada por atividades turísticas. Sua pequena profundidade e o relativo confinamento de suas águas faz com que exista um processo limitado de eutrofização. Há uma deposição diária de algas junto à praia com o movimento das marés. Por estas mesmas razões suas águas apresentam também uma temperatura significativamente mais elevada do que a encontrada na orla litorânea.

Dada sua localização, tamanho, composição faunística, florística e a sua condição insular, o mangue de Fernando de Noronha é frágil e sensível às mudanças que o homem vem introduzindo naquela área. Hoje, infelizmente, sua existência encontra-se ameaçada.

A intensidade de atividade turística naquele local tem levado a uma grande acumulação de lixo nas águas do mangue (plásticos, garrafas, latas e detritos orgânicos). O processo é acumulativo. Pois durante o verão a praia do Sueste é também a mais frequentada pelos ilhéus. A retirada de areia das dunas do Sueste, para utilização na construção civil, ameaça a dinâmica hídrica natural Além do mais, essas dunas são raras e reunem material fossilizado de alto interesse para uma compreensão da história passada do arquipélago. A presença humana naquele local é muito antiga. Ali funcionou inclusive um "leprosário" no final

do século XIX, cujas construções são utilizadas atualmente por um pequeno agricultor. Sua condição de isolamento com relação ao resto da ilha fez com que essa construção funcionasse como uma espécie de hospital de quarentena. Os mortos eram enterrados nas dunas que ainda guardam restos desse período. Fotos dos anos 50 mostram que essas dunas eram vivas, mas hoje foram fixadas quase completamente por uma vegetação psamófila, constituída sobretudo por Ipomoea pes-caprae, Desmodium incanum, Panicum sp., Philoxerus portucaloides, Borreria sp., Crotalaria mucronata, Tiliaceae, Mimosa sp. e sobretudo Leucaena leucocephala. As obras de ampliação do açude Xaréu, a montante do mangue, movimentaram muita terra. As áreas não revestidas foram erodidas pelas chuvas e em 1986 houve uma importante chegada de argila, tanto a nível do mangue, como na baía do Sueste. O confinamento da baía faz com que essa argila provavelmente permaneça no local, em parte floculada e em parte dispersa.

Aparentemente isso tem aumentado o retroespalhamento da luz solar e por consequência a temperatura da água. O fenômeno é bem visível de avião. Na situação atual os vertedouros não consolidados do açude, assim como algumas áreas de empréstimos e movimentação de terras, representam uma ameaça de chegada de mais material sólido no mangue. Além do hipotético, mas possível desastre que poderia representar uma ruptura do açude. Rupturas já ocorreram nesse mesmo açude ao longo deste século.

O ICCA está preocupado em preservar essa unidade singular do Território. Atualmente está definindo um projeto de restauração e conservação ecológica para o mangue e todo o complexo sistema natural em que se insere. Todavia a concientização de todos - população, administração e visitantes - é fundamental para garantir o futuro dessa formação relíquia.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA,F.F.M. Geologia e petrologia do Arquipélago de Fernando de Noronha. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura, Div. de Geologia e Mineralogia. 1958. 181p. il. (Monografia, 13).

HIDROSERVICE, São Paulo. Plano diretor de desenvolvimento para o Território Federal de Fernando de Noronha, relatório final. São Paulo, nov. 1986. 4v., 561p.

LEONEL,C. Mangue. São Paulo, Departamento Estadual de Proteção de Recursos Naturais/Coordenadoria da Pesquisa de Recursos Naturais, 1986. 16p. (Folheto, 1).

MIRANDA,E.E. de As ações de pesquisa agroecológica do CNPDA/EMBRAPA no Território Federal de Fernando de Noronha. Jaguariúna, SP, EMBRAPA-CNPDA, 1987. 16p.

SICK,H. Ornitologia brasileira: uma introdução. Brasília, Editora Universidade de Brasília. 1984. 827p. 2v. il.

TUCK,G.S. & HEINZEL,H. Guide des oiseaux de mer. Paris, Delachaux et Niestlé, 1985. 310p. il.